

## TRÊS MOMENTOS DO DESASSOSSEGO NA LITERATURA BRASILEIRA: MACHADO, LISPECTOR E NOLL

Lucia Helena<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo aproxima as escritas de Machado de Assis, Clarice Lispector e João Gilberto Noll, privilegiando a articulação entre a antropofagia e a solidão, dois caminhos trilhados pela literatura brasileira de ontem e de hoje e que recebem, nos autores estudados, uma gama complexa de interpretações.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Contemporâneo. Machado. Lispector. Noll.

### THREE MOMENTS OF UNREST IN BRAZILIAN LITERATURE: MACHADO, LISPECTOR AND NOLL

**ABSTRACT:** The article approaches Machado de Assis, Clarice Lispector and João Gilberto Noll's writings, by our reading of their poetics on the viewpoint of the articulation between anthropology and the theme of loneliness. These two trends in Brazilian literature, now and in the past, are issues that can be observed in the study of three appointed authors, who expanded the theme of loneliness to a broad and complex area of multiple interpretations.

**Key words:** Brazilian Literature. Contemporary. Machado. Lispector. Noll.

### 1. BREVE INTRODUÇÃO

Há algum tempo venho considerando a necessidade de apresentar ao público uma reflexão que comunique um pouco dos caminhos que eu mesma trilhei nas pesquisas nesta área. E refiro-me ao que publiquei, quanto ao assunto do desassossego, em meu livro *Ficções do desassossego*,<sup>2</sup> pesquisas feitas em parceria da Literatura Brasileira com a Teoria da Literatura, gerando desse modo uma produção de crítica literária extensa no campo da Literatura Comparada, estudos dos quais venho me ocupando desde o tempo em que lecionei como

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Literatura. Universidade Federal Fluminense / Universidade Federal do Rio de Janeiro / CNPq

<sup>2</sup> HELENA, Lucia. *Ficções do desassossego*: fragmentos da solidão contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010. (Com apoio do CNPq).

professora do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, minha primeira casa de trabalho, na qual me aposentei em 1992, tendo prestado concurso, em 1994, à vaga de Titular em Literatura Brasileira, aberta pela UFF, instituição universitária e cargo nos quais tenho desenvolvido a segunda parte de minha carreira e de onde me aposentei faz pouco, continuando a trabalhar na Pós-Graduação em Estudos Literários.

Nas duas etapas de meu trabalho, publiquei alguns livros vinculados ao estudo teórico da literatura, tendo partido da antropofagia e do modernismo de Augusto dos Anjos e de Oswald de Andrade, passando por Tomás Antonio Gonzaga, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, J.M. Coetzee, Fernando Pessoa, para resumirmos um amplo trabalho dentre alguns dos escritores nacionais e estrangeiros de que me tenho ocupado.

O livro que intitulei *Ficções do desassossego*: fragmentos da solidão contemporânea, publicação de 2010 reuni os dois campos (a teoria e a literatura) sob um enfoque comparativo. Nele abordo escritores como Kafka, Philip Roth, John Maxwell Coetzee, Daniel Defoe, Baudelaire, Flaubert, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Ronaldo Lima Lins e João Gilberto Noll, dentre outros, discutindo a metáfora-conceito do desassossego, mas em sentido distinto do que lhe atribui Fernando Pessoa.

Mas não vou lhes fazer um resumo do livro. Vou aproveitar a chance para retomar a pesquisa sobre as narrativas que chamei do “desassossego”, por sua vinculação ao pensamento trágico, e meu trabalho sobre a antropofagia, já que este é um momento oportuno para prestarmos homenagem ao pensamento de Oswald de Andrade, tema da FLIP de 2010, e sua inserção na Semana de Arte Moderna, que em 2012 comemorou 90 anos.

Neste artigo apresento o modo pelo qual aproximei das narrativas do desassossego a escrita de Machado de Assis, Clarice Lispector e João Gilberto Noll, privilegiando a articulação entre a antropofagia e a solidão, dois caminhos trilhados pela literatura brasileira de ontem e de hoje e que, nas obras mencionadas recebe uma gama complexa de interpretações.

Os três autores põem em tensão a antropofagia e a solidão, fazendo com que se entrecruzem na configuração de um terceiro termo: o desassossego. Este último não deve ser visto como uma síntese dos dois primeiros, mas como a indicação de que a antropofagia e a solidão, transformando-se em linhas de força – se conjugam de modo tenso e desenvolvem uma trajetória da escrita na criação de um paradigma que lida de modo original com as formas de tematizar a digestão, a absorção, a corrosão, os limites, o erotismo e a inquietação do caldo cultural que os formou e é por eles formado.

Uma primeira questão é se de fato podemos chamar Machado de Assis, Clarice Lispector e João Gilberto Noll de escritores antropofágicos. Respondo que sim, pelos motivos que vou expor adiante. Mas antecipo que a resposta positiva prende-se ao fato de que em suas obras atua um princípio corrosão que, pelo ceticismo, pela ironia, pelo esvaziamento da subjetividade, pelo trabalho com as vidas desperdiçadas e o jogo com o duplo (dentre outras estratégias de que lança mão), critica e corrói as utopias ufanas do nacional, problema atávico e geralmente mal conduzido pela crítica, ao vincular nação e narração.

Machado, Lispector e Noll trabalham seus personagens revelando-nos seres em solidão, guiados pela ponta dos dedos de uma escrita abrasiva, em uma narrativa que rasura, no fundo e na forma, algumas plataformas de uma estrutura social que se caracteriza, segundo Roberto Schwarz, por ter suas ideias de modernidade e modernização “fora do lugar”.

A modernidade em seu viés modernizador constitui um longo processo, em marcha desde o século XVIII, que os nossos três escritores percorrem de forma diferenciada, embora estabeleçam um ponto comum: eles promovem a crítica do elogio do progresso concebido como racionalidade tecnológica que encaminha uma visão da história como *continuum*.

Em todos os seus momentos, seja no capitalismo sólido ou na sua fase líquida (e aqui uso Bauman) a modernidade revela uma ambivalência, assumindo o caráter de hidra bifronte, que tem, numa face, a ênfase ufana na suposta racionalidade do poder do Estado contratual, inaugurado no século XVIII. Prova dessa ambivalência da modernidade é o fato de que, ao propor que extinguiria o Estado absoluto, o estado contratual moderno mais de uma vez se transformou em um Estado de exceção, suspendendo o estado de direito e o exercício da liberdade coletiva e individual. Como sua outra face, a modernidade também procurou reverter e tem revertido, o ufanismo de alguns de seus ideais que, de outra forma, podem transformá-la em uma apologia triunfal e abusiva da razão compreendida como algo uno e totalizante.

## 2. MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis acompanhou o processo de modernização brasileiro em sua fase de modernização inicial, desde as duas últimas décadas do século XIX ao início do século XX, discutindo, de forma sutil em suas obras, as intervenções da literatura em face do culto equivocadamente de uma razão única, em contraponto com a ética e a política, demonstrando com ironia e ceticismo “as meias de seda com franjas de algodão” de nossa vida cultural. O “bruxo do

Cosme Velho” antecipa o exame da solidão e do esvaziamento da subjetividade a partir da estratégia da corrosão, questões que ainda hoje insistem como desafio à criatividade da literatura e da crítica.

Foi Machado de Assis quem nos apontou mais claramente em sua época o casulo da subjetividade esvaziada, construindo uma forma de subjetividade melancólica, filtro da corrosão das esperanças, no entanto conseguindo driblar a percepção da elite leitora que lhe era contemporânea e que o adulou, quando, na verdade, ele tanto a criticou, ainda que com a sutileza de uma narrativa oblíqua e dissimulada.

Sua obra se tece sob a metáfora conceito “do manto de seda com a franja de algodão”. Há eflúvios de grandeza no ar, há salões, há Rubião na enseada de Botafogo, com seu criado espanhol, fitando do chão ao alto, sentindo-se imperador, e o grão de loucura que, inseminado, há de dar frutos e revelar, no inverso da sanidade, a razão instrumental e interesseira que regia os laços sociais e tornava frágil o propalado amor, a propalada fé e a propalada harmonia familiar, cujos elos resultam carcomidos pelo verme roedor.

Uma vez que vez que o íntimo e suas entranhas não cessam de incomodar aos homens, Machado constrói uma poética do desconforto, contraditoriamente tratada, pois seus personagens ora são chamados à boca de cena e mostrados como ingênuos e canhestros, como o Rubião apaixonado por Sofia, ora, como Sofia e Palha surgem marcados pelo arrivismo, ora aparecem encobertos pelo véu da melancolia, da ironia e do distanciamento, forças geradoras da nata da corrosão.

Seguindo uma linha melancólica que recusa desnudar o coração, e vela o espelhamento entre os olhos e a alma, a narrativa de Machado cruelmente ironiza o entregar-se, o abrir-se, o dar-se. Lembremo-nos de Rubião e de sua metáfora interiorana com os olhos de Sofia e o Cruzeiro do Sul, causadora de uma espécie de nojo e deboche na personagem interesseira.

As *ficções do desassossego* de Machado de Assis abandonam o melodrama, de que também tratam, para dialogar com a matriz da tragédia, sem, no entanto, terem dela derivado diretamente. Suas ficções acionam uma *memória trágica* que nos diz da desmedida e violência social na qual a promessa de um mundo burguês e feliz já se revela como fraude e ilusão. Enfim, como um manto de seda com franjas de algodão.

Uma rota possível de leitura da construção machadiana da ficção em desassossego é a da relação de seus textos com o tema e a metáfora de antropofagia. A primeira menção ao assunto pode ser encontrada na dedicatória que faz Brás Cubas em suas memórias, ao

inaugurar o piparote no leitor – anunciando logo uma diferença de *status*: o leitor está vivo, mas o narrador está morto. Este, um narrador defunto dedica suas lembranças ao verme que primeiro roeu suas entranhas. O verme passa a ser um inusitado instrumento narrativo, um personagem principal subjacente, já que este, por meio do ato de roer, faz com que o autor defunto e o defunto autor escapem para uma dimensão que lhes oferece mais impunidade do que a desfaçatez de classe por si já lhe garantia. Com este artifício, Machado também acena para o caráter ficcional dos relatos literários de romances, nos quais o autor não reproduz tal qual o narrador e vice-versa.

O verme torna-se, assim, metáfora da linguagem e mediador alegórico da passagem. A passagem de uma dimensão para outra: da morte para a vida, da realidade extraliterária para o fingimento literário. Ao praticar o ato da deglutição, o verme também se associa a uma rede metafórica que lembra possibilidades ritualísticas vinculadas às tradições antropofágicas. Desse modo, o verme funciona como dobradiça, ou seja, como mediação e metáfora na qual o impulso roedor é a ação que faculta o transporte da ironia ficcional e da corrosão do pacto literário precedente pelo novo pacto machadiano.

O transporte de Brás para um além – que na verdade não o separa desse “aquém”, ou seja, desse mundo, é feito via ficção, via linguagem, uma vez que o personagem retorna como narrador de suas próprias peripécias. O artifício de trazer o personagem de volta de seu próprio túmulo é uma figuração que se torna possível a partir da auto-referencialidade da linguagem literária que, dobrando-se sobre si mesma, ultrapassa o registro da verdade e do verdadeiro. Refiro-me a algo que caracteriza o discurso ficcional, tornando-o, ao mesmo tempo, matéria significativa e abstração ideativa, no que a dimensão do trato machadiano da questão também ultrapassa o maniqueísmo. A linguagem, ao dobrar-se sobre si mesma, dá vida ao morto, e duplica, pela ironia, a vida na morte, conduzindo o leitor, ao mergulhar sobre si mesma, a cultivar a dobradiça que pode (ou não, pois depende de como o leitor lerá o que vai ler) desemperrar seu olhar.

O alcance dessa rasura é inestimável.

Neste imbróglio, a metáfora da antropofagia estende sentidos negativos e positivos em uma dialética cínica e cética, fora do acento e do acervo paródico do modernismo. Daí a morte como a outra figura que com ela compartilha. Brás Cubas está morto, quando a antropofagia velada na roedura do verme a ele nos une. Quincas Borba também está morto, no romance que tem seu nome. Na forma-fome da narrativa machadiana, a antropofagia mata os fantasmas, enterra-os nas entranhas da terra que “os há de comer”, num festim já visitado

pelos personagens da lírica de um Augusto dos Anjos. A estirpe dos Cubas, matreira, é capaz de fingir vida, morte e biografia.

Mas, para sorte do leitor, aleluia, a literatura do bruxo permanece. Ele ressurge nas manigâncias de dona Florinda, aquela personagem de Clarice Lispector em *Felicidade clandestina*. Ela é uma inteligente leitora de Machado e o faz como poucos.

### 3. CLARICE LISPECTOR

O texto de Clarice Lispector traz, no seu ser em dobradiça, a citação subterrânea não só do texto de Machado de Assis (vale lembrar a cartomante, Dona Carlota, de *A hora da estrela*), como também do texto de Graciliano Ramos e a da série social do romance nordestino de 30 (vale lembrar a série de vidas desperdiçadas, de migrantes nordestinos em deslocamento ao sul maravilha, ou em busca de fugir da seca penando pelo nordeste). Outros textos produzidos por personagens migrantes são postos em dialogismo, no caso de Clarice: a citação sutil aos cordelistas, feita nos treze títulos da obra, pendurados na folha de rosto do livro, mostrando que o noticiário de Macabéa se prende também às tradições da oralidade das feiras nordestinas e não apenas às da mídia (no caso o rádio) da cidade grande por onde está vagando.

Tanto no texto de Machado de Assis, como no de Lispector e, neste caso, também no de Graciliano Ramos relê-se uma questão: a do impasse dos homens diante de uma modernização inadequada. Em Machado, a teoria do medalhão espelha uma sociedade arrivista, na qual a troca da tabuleta entre Império e República não sensibiliza os olhos de lince do narrador, que percebe na alteração política a manutenção de um velho *status quo*. A modernização que ameaça Macabéa e Olímpico é de outra natureza e passa como uma ceifadeira por sobre os dois, condenados à solidão e a uma vida agreste e desprotegida, na trágica e renitente repetição da penúria. Clarice retoma essa questão segurando-a com vigor, pescando a entrelinha, jogando com a ponta dos dedos, na feliz expressão de Vilma Arêas (2005). Personagens desgastados e desgraçados, ora por força de lei discricionária ou por falta de qualquer lei, eis o papel que lhes resta cumprir. Tornam-se, assim, ícones de uma visão trágica da existência. Migrantes, Olímpico e Macabéa ganham vida numa literatura que, em seu poder de memória, deles nos fala a partir da possibilidade que o espírito tem de tornar presentes os invisíveis (ARENDDT, 1993, p. 195).

Como dissemos em nosso *Nem musa, nem medusa*, o texto de *A hora da estrela* descortina para Macabéa o encontro com a cartomante e o jovem louro – este, o príncipe lindo e estrangeiro, o imigrante *doublé* de outros vultos verbais textualizados no imaginário cultural, como, por exemplo, o “colonizador”, o “imperialista” ou o “capital estrangeiro”. Macabéa queria realizar seu sonho de ser estrela, embora, a seguir, a personagem venha a ser atropelada por um carro com a estrela de três pontas da marca Mercedes Benz.

Ao lidar com a matéria rarefeita desse imaginário, a narrativa de *A hora da estrela* aciona, desmonta e deglute a concepção de História como entidade que se move de forma linear em direção a um *telos*. Ao destruir o vaticínio da cartomante, contribui para questionar o conceito principal e novo da Era Moderna -- a noção de vontade e de progresso como forças que governam a história humana --, que colocou uma ênfase sem precedentes no futuro (ARENDR, 1993, p. 201). Expondo o logro da promessa de progresso e antropofagizando-o, o texto se recusa a referendar uma forma de se refletir sobre o mundo, que faria da Vontade o dínamo do futuro. Ao fazê-lo, *A hora da estrela* revela, por exemplo, que os lugares culturais expressos pelas frases feitas “*Time is Money*” e “*Querer é poder*” são signos de uma razão instrumental que esta narrativa migrante corrói.

Sentidos diversos no dicionário, migrar e imigrar são expressões cujo significado tem na acepção de “deslocamento” um ponto em comum: a ação de ir e vir, mesmo contra a vontade, em busca do que falta. O migrante e o imigrante, quando no sertão, são regidos por lei não escrita, vinculam-se ao solo e dele retiram a substância e a vida para o movimento e o tempo que lhes resta. Talvez por isso, deslocada para a cidade, Macabéa se torna, todavia, *um ser no tempo*. Retira da marca das horas da Rádio Relógio Federal o viver e o saber que não tem e desenha uma existência.

Produzindo esses dois personagens, Macabéa e Olímpico, errantes entre as casas, a terra e a dificuldade com a língua, Clarice Lispector, ao antropofagizar o sentido da História como progresso, permite-nos discutir a condição desses dois como seres em diáspora, como seres em solidão. “Porque nada é seguro” (SAID, 2003, p. 50). A ficção que deles trata até literalmente pode ser chamada de uma escrita em desassossego, uma vez que aborda, na raiz, os processos de extravio e perda dos indivíduos passados na tumba-moenda, diria João Cabral, da tumba-social que os prensa.

#### 4. JOÃO GILBERTO NOLL

Nesta linha, e com apoio na percepção de Walter Benjamim acerca da tensão entre civilização e barbárie, pode-se dizer que nas obras de Machado, Lispector e João Gilberto Noll a civilização não impede a barbárie.

De tal modo que a narrativa de Noll exhibe o vírus indomado que percorre o sistema como um todo, inoculando seu veneno no indivíduo e não no todo. Interessa-lhe o caso específico, o indivíduo posto a nu em sua solidão. O resultado é um personagem desconectado, que nada tem a ver com quem o antecedeu ou irá sucedê-lo, ou até com a feminista chilena que compreendia minimamente o português e se torna alvo da ironia corrosiva do narrador, que revela sem piedade sua falta de consistência, ao fazê-la lamentar que as Nações Unidas ainda não tivessem “formalizado uma ação para resguardar os direitos humanos dos afásicos, dos pobres de espírito, dos neuroconturbados.” (2003, p. 27). Em *Berkeley em Bellagio* há inúmeros exemplos em que o indivíduo se encontra à mercê dos grandes sistemas de protecionismo acadêmico e também de uma cruel burocracia de estado, como se pode ver na citação a seguir, em que o personagem-narrador faz referência à compulsão paranóica que se apossou dos aeroportos, depois do ataque a Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001:

[...] os fiscais remexiam, apalpavam, fisionomias solenizadas, verdadeiros canastrões à procura do tesouro terrorista cuja descoberta lhes daria uma comissão polpuda da CIA ou do raio que os parta que soubesse suborná-los, em troca sempre dos segredos e pecados no incessante trânsito sobre a terra. (NOLL, 2003, p. 84- *Berkeley em Bellagio*).

A construção dos personagens revela sintonia com a sensibilidade da “modernidade líquida”, de que fala Zygmunt Bauman, ao definir a existência contemporânea. Trata-se de uma espécie de relação sem valores, uma forma de frieza e de insensibilidade que, se por um lado os protege dos choques externos, ao mesmo tempo isola-os uns dos outros. Isso demonstra que a noção do indivíduo se esmaeceu dos valores que lhe foram atribuídos quando ele era fundamental para a ideologia do capitalismo nascente. Hoje, a padronização tornou-se mais rentável.

A ficção de Noll mostra que essa perda de densidade do indivíduo não parou de crescer. Como num paradoxo criado pelo sistema, os indivíduos estão internamente a esmo, obcecados em fazer dinheiro, ou enojados e desajustados com a impossibilidade de



alternativas, como na versão preferencialmente trabalhada por João Gilberto Noll, numa deriva que tem nascimento na vertente anticapitalista do romantismo, como discute Michel Löwy em seu estudo *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade* (1995).

Em *Lorde*, o leitor é contemplado com a seguinte consideração que ilumina o que estamos propondo: “Nome, nacionalidade, cor, religião. Indiferente compor com os novos elementos de cidadania um sentido ou não. Era o clássico indivíduo que havia muito não tinha nada a perder” (NOLL, 2004, p. 41).

Sem a figura engrandecida do indivíduo, nesse contexto de desvalorização, cresce a angústia no campo da existência malsinada dos protagonistas de *Berkeley em Bellagio* e de *Lorde*. Trabalhando com a recoleção de fragmentos de imagens e memórias, em repetição, *Berkeley em Bellagio*, *Lorde* (e, ainda, se quisermos ir mais atrás, *O quieto animal da esquina*) nutrem-se do que nomeio aqui como um rodízio das nuances. Nesse processo, o leitor é levado a desenvolver algo que, na focalização da narrativa, ao “rearmar” a trama, torna-o próximo das estratégias de um colecionador. A ruptura e fragmentação dos nexos lógicos da narrativa se agudiza e não se dá por maneirismos de estilo, mas por meio de recursos “insignificantes”. E isso num trabalho minucioso de inter-relação com signos que apontam para variados sistemas não verbais, como filmes, músicas, códigos sociais conseguindo-se que a narrativa se torne um desencadeador de angústia e de crítica. A criação literária de Noll trata dessa angústia, cada vez mais aguda.

Comentando seu próprio texto, o narrador de *Berkeley em Bellagio* assume um tom de ensaísta e se refere a que em seus livros está o personagem “de sempre”, que a cada livro se repete (Cf. p. 59). Esse protagonista um tanto abúlico é sempre idêntico, mas também está sempre em metamorfose, revelando-se ora um eu, ora um ele, por vezes no mesmo parágrafo. A ficção de Noll é herdeira de uma escrita bafejada pelo sol negro da melancolia de um Nerval, e que navega nas águas turvas do barco ébrio de Rimbaud. Ela nos fala da angústia de certo tipo de escritor, consciente de que o que ele diz ou escreve tem pouca importância, numa sociedade de inadequação, exclusão e exílio, em meio a promessas de prazer e hedonismo.

Sente-se por toda parte a ameaça da destruição, dos elos corrompidos, da solidão, da entrega de toda energia ao ato momentâneo de sexualidade, transformado em ritual sacrílego e sagrado, ao mesmo tempo, numa antropofagia de faminto, se quisermos usar uma expressão de Augusto dos Anjos que se encaixa muito bem acerca deste caminho da narrativa de Noll. A

experiência de si e do outro se constitui problemática e incompleta, excluídos a afetividade e o compromisso. Há, todavia, um acento nostálgico, uma vontade de volta ao caseiro e à intimidade, embora o estado à deriva dos personagens lhes negue a possibilidade do lar.

*Acenos e afagos*, romance de 2008, corrobora o que se disse até aqui e provoca um retorno à cena da paixão de *A fúria do corpo*, ao sem limite do prazer, quando o corpo se põe em exaltação. No dizer de Sérgio Sant’Anna, essa obra se revela uma “epopeia libidinal”, quase sempre homoerótica e sem freios. Seria, diz ele, um caso de santidade no horizonte do perverso, como em um Genet visto por Sartre. Há, na obra, uma retomada da ânsia voraz do prazer, da experiência do radical do que é sem limites e mortal, o prazer que cala e incendeia, ao mesmo tempo, na epiderme do verbo feito homem, feito corpo de linguagem, e de uma linguagem em plena flutuação dos afetos.

Estes três autores, Machado, Lispector e Noll, como vimos, experimentam a linguagem em abismo: ela se dobra sobre se mesma, em um mergulho constante e que também nos abisma e deslumbra pelos matizes originais de sua trajetória pelo desassossego, no qual se articulam a antropofagia e a solidão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. 3. reimpressão. Chapecó, SC: Argos editora Unochapecó, 2012.

ASSIS, Machado. O alienista. In: \_\_\_\_\_. *Papéis avulsos* (1882). *Obra completa* Vol. II. Afrânio Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1962, pp. 251-288.

\_\_\_\_\_. *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880). In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, Vol. I: Romances. Afrânio Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1962, pp. 509-637.

\_\_\_\_\_. Quincas Borba. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, Vol. I: Romances. Afrânio Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1962, pp. 639-804.

BAL, Mieke. *Narratology*. Toronto; Buffalo; London: University of Toronto Press, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Amor líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. On the concept of History. In: \_\_\_\_\_. *Walter Benjamin. Selected Writings*, vol. 4, 1938-1940, Howard Eiland and Michael W. Jennings (Ed.). Cambridge: Harvard University Press, 2003, pp. 389-400.

BERNARDO, Gustavo. Machado de La Mancha contra o gigante do realismo. In: *Machado de Assis (1908-2008)*. Júlio Diniz (Org.). Rio de Janeiro: EDPUC-Rio: Contraponto, 2008, p. 37-61.

BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. 2. ed. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1983.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Feliz ano novo* ou de como se escreve a violência (I): a testemunha. In: *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea: Escritas da violência*, n. 29, Universidade de Brasília, Brasília, DF, jan.-jul. 2007, pp. 67-74.

JAMESON, Fredric. *The political unconscious*. Narrative as a socially symbolic act. Ithaca; New York: Cornell University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *Modernidade singular*. Ensaio sobre a ontologia do presente. Trad. Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *A cultura do dinheiro*. Ensaio sobre a globalização. Seleção e prefácio de Maria Elisa Cevasco. Trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. 3ª. Ed., Petrópolis; Vozes, 2002.

HELENA, Lucia. Réécrire le naturalisme: Macabéa, le visage et le destin. IN: EXCAVATIO, VOL. XXI, Nos. 1-2, 2006, pp. 95-105. Émile Zola and Naturalism: Naturalist Transgressions in Europe and Latin America. International Review for Multidisciplinary Approaches ad Comparative Studies related to Émile Zola and his Time, Naturalism, Naturalist Writers and Artists around the World. (Trad. du portugais par Ana de Alencar).

HELENA, Lucia. *Totens e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria em Oswald de Andrade*. Niterói, RJ: EDUFF; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. (Prêmio APCA de Ensaio, 1985).

HELENA, Lucia. *Náufragos da esperança*. A literatura na época da incerteza. Rio de Janeiro: Editora Raquel, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. *K. Relato de uma busca*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Prefácio de Eduardo Portella. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

ROSENFELD, Kathrin H. Broch, Musil, Benjamin: três abordagens da imagem e da história. In: Marcio Seligmann-Silva (Org.). *Palavra e imagem, memória e cultura*. Chapecó, SC: Argos editora Unochapecó, 2006, pp. 185-203.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997.

SCHÖLLHAMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido em 13/11/2015.

Aceito em 04/12/2015.